

Outras éticas

Olavo Pires de Camargo^I, Luiz Eugênio Garcez Leme^{II}

Departamento de Ortopedia e Traumatologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP)

Há muitos anos, quando ainda não dispúnhamos da internet (sim, este tempo existiu!) o curso de ética ministrado aos alunos do curso médico centrava-se principalmente na ética médica, cuidando dos deveres e direitos dos médicos e sua relação com os pacientes e com os outros médicos (Deontologia e Diceologia). No último quartil do século XX, no entanto, duas realidades vieram a mudar todo o mundo, incluindo o exercício e o ensino da medicina.

A primeira foi o desenvolvimento explosivo da internet: sua difusão praticamente universal mudou a forma de se construir e divulgar conhecimento. Publicações antes restritas a uns poucos centros acadêmicos passaram a estar disponíveis a um toque até em telefones celulares. A meia-vida das informações científicas, que já era curta, ficou muito mais reduzida. Esta realidade permitiu, por outro lado, a comparação entre publicações em grandes bases de dados, dando origem aos estudos secundários, às revisões sistemáticas com ou sem metanálises e aos protocolos e consensos.

Essa popularização rápida dos conhecimentos criou uma fome insaciável de novas publicações, que passaram a ser a moeda de troca acadêmica, numerário este que não está livre da inflação e de sua principal complicação, que é a desvalorização. Professores e alunos são cobrados para produzir e publicar (*“to publish or to perish”*), numa lógica que muitas vezes leva a uma vulgarização do material publicado e a uma série de tentações e vícios que podem comprometer os alunos (plágios, afirmações sem citação de autor, dados enviesados etc.). Felizmente a mesma realidade que provocou o problema permite-nos controlá-lo por meio de programas e sistemas para, por exemplo, detectar plágio, analisar novamente a estatística apresentada ou identificar vieses de seleção, aleatorização ou mascaramento.

Todos os profissionais médicos, mesmo fora do ambiente acadêmico, temos contato contínuo com pesquisa, seja como produtores (poucos) seja como consumidores (todos). Essa situação exige que os alunos que convivem e conviverão com essas realidades tenham treinamento

^IProfessor titular do Departamento de Ortopedia e Traumatologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP).

^{II}Professor associado do Departamento de Ortopedia e Traumatologia e Departamento de Clínica Médica (geriatria) da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP).

Editor responsável por esta seção:

Olavo Pires de Camargo, Professor titular do Departamento de Ortopedia e Traumatologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP).

Endereço para correspondência:

Olavo Pires de Camargo
Rua Barata Ribeiro, 490 — 3ª andar — conj. 33
Bela Vista — São Paulo (SP)
CEP 01308-000
Tel. (11) 3123-5620
E-mail: olapcama@uol.com.br

Fonte de fomento: nenhuma declarada — Conflitos de interesse: nenhum declarado

Entrada: 20 de outubro de 2017 — Última modificação: 20 de outubro de 2017 — Aceite: 31 de outubro de 2016

e qualificação que lhes permitam atualizar-se adequadamente e esse treinamento deverá incluir necessariamente as noções da ética do conhecimento, sua aquisição e divulgação, que são partes da epistemologia, definida como o estudo da origem, da estrutura, dos métodos e da validade do conhecimento.

A segunda realidade foi o aparecimento de novas condições da atenção à saúde totalmente desconectadas da problemática ética anterior ao último quartil do século XX, que vieram a trazer a necessidade de um novo pensar e questionar sobre sua eticidade. Tal é o caso, por exemplo, das técnicas de fecundação *in vitro*, dos transplantes de órgãos, da manutenção de pacientes artificialmente, da agressividade de procedimentos intensivos, da problemática do envelhecimento, entre muitos outros.

Essas realidades de atenção à saúde, diferentemente de outras épocas, exigem a participação de outros profissionais além dos médicos, criando-se a realidade das abordagens interprofissionais. Elas exigiram, a partir dos anos 70, e exigem, cada vez mais, uma abordagem distinta da mera ética profissional, passando a constituir o corpo de conhecimento da bioética.

Vemos, assim, que, em nossos dias, o curso de ética oferecido aos nossos alunos não comporta mais, com certeza, os programas que foram oferecidos até os anos 70 e que não eram essencialmente diferentes dos de 50 ou 100 anos antes. Uma abordagem minimamente eficiente da ética para o estudante de medicina deverá incorporar no mínimo a ética médica, a bioética e a epistemologia.

Não será para os fracos!